



TRILHA PEDAGÓGICA


As dificuldades de aprendizagem no
campo da educação popular: nas
trilhas por uma educação
emancipatória

JÚNIA TUELHER FRAGA
TIAGO ZANQUÊTA DE SOUZA


TRILHA PEDAGÓGICA

As dificuldades de aprendizagem no
campo da educação popular: nas
trilhas por uma educação
emancipatória

JÚNIA TUELHER FRAGA
TIAGO ZANQUÊTA DE SOUZA



Trabalho desenvolvido com o apoio da SEE/MG, no âmbito do Projeto de Formação Continuada e Desenvolvimento Profissional dos Servidores da Educação do Estado de Minas Gerais, Trilhas de Futuro - Educadores, nos termos da Resolução SEE N° 4.707, de 17 de fevereiro de 2022.



FICHA CATALOGRÁFICA

Catálogo elaborado pelo Setor de Referência da Biblioteca Central UNIUBE

F842t Fraga, Júnia Tuelher.
Trilha pedagógica – As dificuldades de aprendizagem no campo da Educação Popular: nas trilhas por uma educação emancipatória / Júnia Tuelher Fraga, Tiago Zanquêta de Souza. – Uberaba, 2024.
81 p. : il., color.

Este produto foi produzido a partir da dissertação “Dificuldades de aprendizagem de crianças do 6º ano do ensino fundamental: um estudo à luz da educação problematizadora” e apresentado ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação – Mestrado em Formação Docente para a Educação Básica pela Universidade de Uberaba – UNIUBE, sob a orientação do Prof. Dr. Tiago Zanquêta de Souza.

Inclui bibliografia.

1. Dificuldades de aprendizagem. 2. Ensino. 3. Educação. I. Souza, Tiago Zanquêta de. II. Universidade de Uberaba. Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação. Mestrado em Formação Docente para a Educação Básica. III. Título.

CDD 370.1523

O caminho trilhado

1ª parada O “eu” pesquisador — 7

2ª parada A escola na sociedade—13

3ª parada As dificuldades de aprendizagem —20

4ª parada Transtornos de aprendizagem e componentes socioemocionais: como esses fatores incidem sobre as dificuldades?—31

5ª parada Currículo é poder—41

6ª parada Avaliar pra quê?—51

7ª parada Dificuldades de aprendizagem ou dificuldades de ensinagem?—60

8ª parada Os desafios impostos ao ato de resistir—67

E continuamos a trilhar... —70

SEJAM *bem-vindos*

Olá, professora e professor!

É com muita satisfação que o recebemos aqui para trilhar um caminho de reflexão.

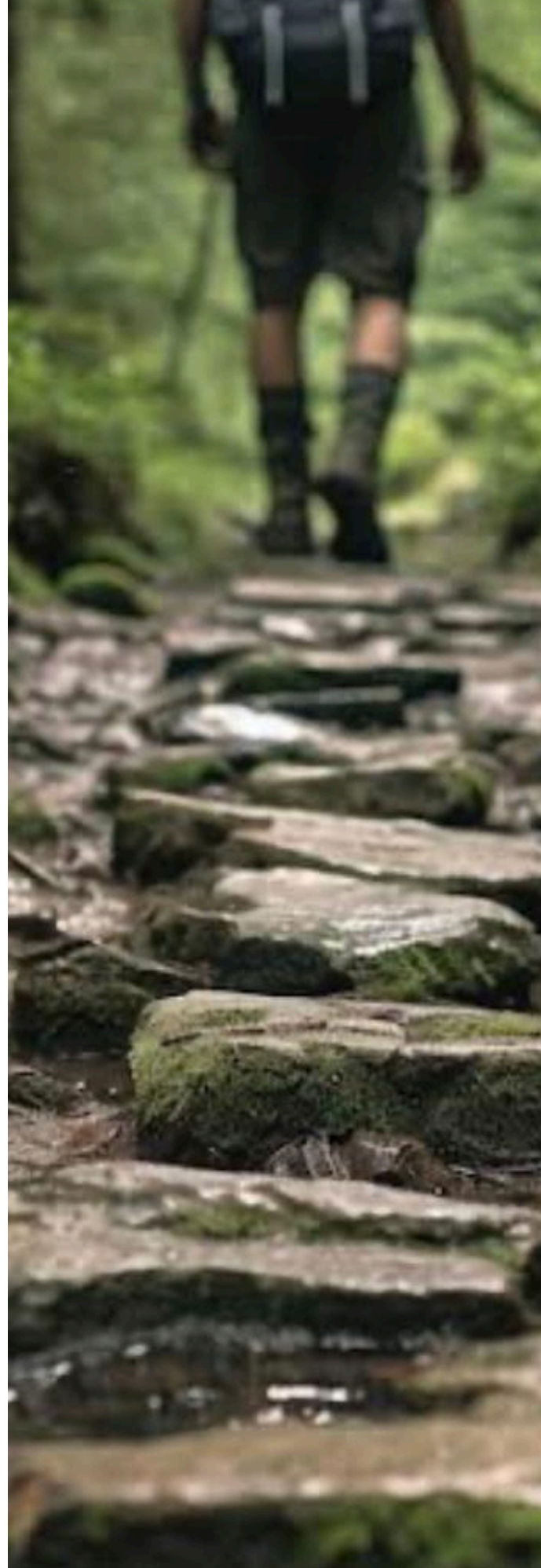
Esta trilha pedagógica surgiu através da pesquisa de mestrado intitulada **“DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: um estudo à luz da educação problematizadora”** cujo o objetivo foi compreender as raízes das dificuldades de aprendizagem e assim, oferecer estratégias para minimizar os malefícios causados pelas mesmas no processo de formação e transformação dos sujeitos.

Com o decorrer deste estudo, muitas foram as indagações e questionamentos surgidos através desta temática importante e passível de discussões que transcendem o espaço escolar.

Neste material você encontrará a trilha que percorremos em busca das possíveis respostas que subsidiaram todo o movimento que deu origem a um trabalho de reflexão motivador da práxis transformadora.

Venha conosco, galgar também este caminho e perceberá o quanto trilhamos e o quanto ainda temos a trilhar!

Júnia e Tiago



NESTA TRILHA VOCÊ IRÁ ENCONTRAR



PARADAS

Durante o ato de trilhar, as paradas são as reflexões realizadas em todo o processo.



PARADA OBRIGATÓRIA

São as leituras importantes para aprofundar ainda mais tudo o que foi percorrido nas paradas.



PARA REFLETIR

Aqui, você é convidado a refletir sobre sua prática em relação ao que lhe é proposto através das discussões realizadas.



VENHA TRILHAR TAMBÉM

Neste espaço, você poderá registrar suas impressões sobre o que é convidado a pensar a fim de que se perceba como agente ativo da praxis transformadora.



1^a PARADA

O “EU” PESQUISADOR

O ato de viver, a experiência humana ao qual estamos inseridos, com seus ciclos, percalços e renovações tem como sua maior característica o fator surpreendente que cada capítulo de nossa história nos traz. Alguns destes capítulos são frutos de nossas escolhas, outros das situações casuais que eventualmente nos acontecem e outros, fruto da forma como enxergamos o meio que nos cerca e, conseqüentemente, agimos sobre ele. Rememorando minha trajetória, percebo que o ser pesquisador sempre foi algo latente, uma vez que me classifico como questionadora e entendendo que analisar fatos de forma crítica e reflexiva são características imprescindíveis para um bom pesquisador, me vejo então, pesquisadora desde a minha infância, marcada pela estima pelos estudos e pelo processo fascinante que consiste no ato de aprender.

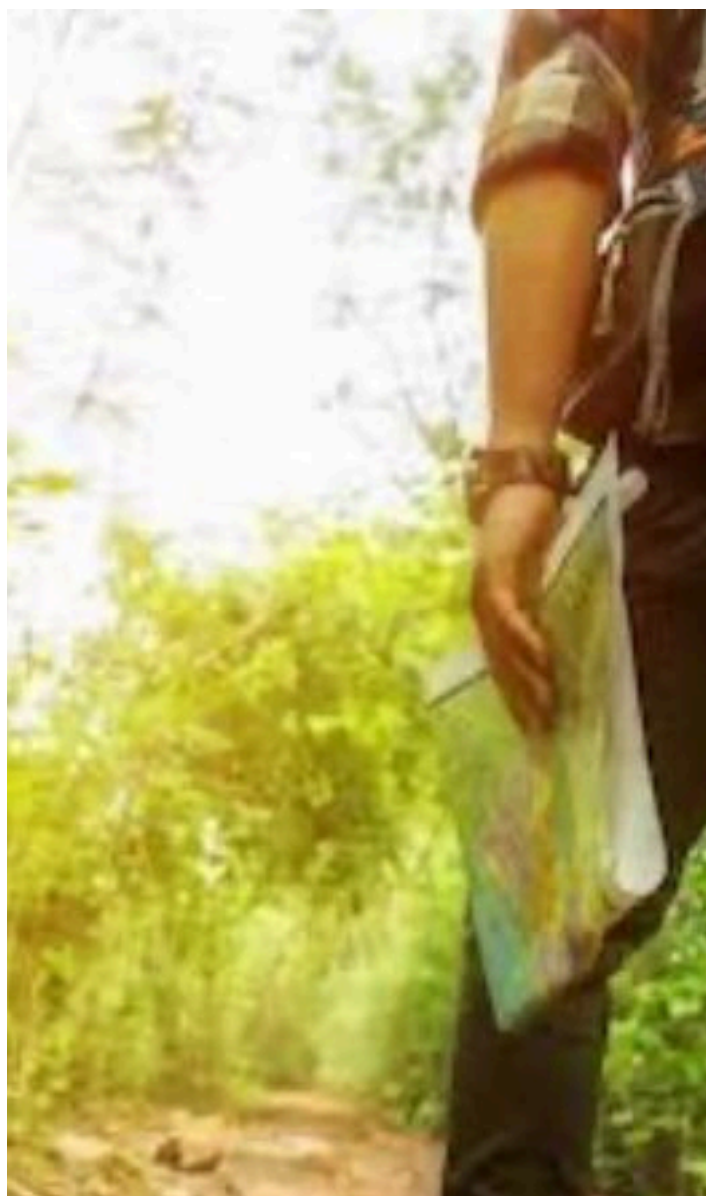
Ao entrar para o curso de mestrado enxerguei a possibilidade de pesquisar sobre um tema que sempre esteve presente em minha trajetória como profissional da educação: as dificuldades de aprendizagem. Na verdade, discorrendo sobre minhas reminiscências, percebi que as reflexões sobre a origem das mesmas estavam presentes antes mesmo de eu sonhar em ser professora. A escola foi um capítulo de minha vida feliz e prazeroso. Tive excelentes professoras no início da Educação Fundamental, em que conseguiram “aproveitar” as minhas habilidades, sem podá-las. O fato de eu entrar na antiga primeira série já completamente alfabetizada poderia ter sido um problema, pois, de certa forma eu não acompanharia a turma e a cartilha Camila Sonha, com seu método silábico, não fazia sentido para mim.

Foi nesse momento, que minha professora sabiamente me deu um grande incentivo e quiçá, o despertar para minha profissão e até mesmo, para a escolha do tema para a pesquisa que me propus a investigar, a fim de produzir minha dissertação de mestrado. Usando sua sabedoria que o magistério instituiu, tia Elisabete, minha professora, utilizou minhas habilidades para auxiliar os colegas que apresentavam mais dificuldade. Todos os dias, um colega era colocado ao meu lado e através de nossa troca, saberes eram construídos: eu aprendia e ajudava o outro, que em uma perspectiva dialógica, também me ensinava e me despertava, mesmo que de forma subjetiva, para que o que possivelmente hoje, foi construído através desta pesquisa. Ao me propor a pesquisar sobre as origens das dificuldades de aprendizagem e as possíveis relações de tais dificuldades, rememoro meus colegas em que exerci a monitoria e recordo que, mesmo com a inocência característica da infância, já me intrigava os motivos de tantas dificuldades. Por que alguns colegas, da mesma faixa etária, com as mesmas oportunidades de aprendizagem dentro do contexto escolar, apresentavam tantas dificuldades e, conseqüentemente, não apresentavam o mesmo rendimento? Obviamente, essa angústia, que já existia, somente ficou clara após minha experiência como docente, mas, ao pensar sobre minhas lembranças, percebo que tal questão sempre esteve presente, ainda com a leveza do pensar de uma criança. Compreendendo a importância em pesquisar sobre dificuldades de aprendizagem, trilhar esse caminho é a manifestação da luta pela liberdade de ser, de se transformar e de se reinventar como seres pensantes, e inculcar essa necessidade em nossos discentes, é conscientizá-los de que estão em constante processo de crescimento e renovação.

Contribuir para que seja tocante ao nosso público e que possa ser transformador na vida dos mesmos é a conclusão ou a eternização de um ciclo, que nunca foi interrompido ou seccionado, iniciado em minha infância, interligado pelas minhas escolhas, podendo ser repassado por educadores, que assim como eu, veem na educação um elemento potente de transformação.

“

Assumindo a postura de professores/as pesquisadores/as, vinculados ao campo da educação popular, é forçoso pensar a educação como compromisso ético político, de modo a refutar o caráter de neutralidade que tentam atribuir à escola e a educação, uma vez que concebemos a educação como uma forma de intervenção no mundo e, por isto mesmo, não pode ser neutra. (SOUZA; NOVAIS, 2021, p.531).



Para refletir



Em suas vivências enquanto docente, quais são as questões que mais lhe angustiam?

Venha trilhar também

Registre aqui suas reflexões!





2^a PARADA

A ESCOLA NA
SOCIEDADE

A educação, termo amplo que permeia vários contextos de nossa sociedade, é um vocábulo muito utilizado em vários âmbitos sociais, que, em uma perspectiva do senso comum, se faz presente na vida de um sujeito social desde o seu nascimento, perpassando por vários contextos e adquire diferentes significados no decorrer de sua vida. Em uma perspectiva automática, quando falamos em educação, interligamos o termo ao processo de escolarização ao qual os sujeitos sociais têm o direito de usufruir de acordo com as políticas públicas existentes em nosso país. Políticas essas que, em seus textos legais, pregam que a educação é um direito do cidadão e um dever do estado. Nessa perspectiva, o processo de escolarização se torna comum a todos os sujeitos pertencentes a nossa nação. Uma vez comum, sendo um direito e ao mesmo tempo, um dever, as escolas responsáveis pela educação básica denominadas públicas recebem como interlocutores, crianças e adolescentes de diversas identidades sociais acarretando uma diversidade gigantesca. Tendo o fator diversidade como uma das principais características da educação pública em nosso país, é observável que há uma parte considerável de estudantes que apresentam dificuldades em relação a construção do conhecimento, desta forma, o rendimento dos mesmos é comprometido acarretando prejuízos para toda a sua formação enquanto sujeito social, e em uma perspectiva futura, afetando direta e indiretamente, todo o contexto social do qual o cidadão fará parte.

Todavia, entende-se que a aprendizagem dos estudantes é um processo complexo que engloba variantes que podem ou não determinar ações futuras que incidem sobre o desenvolvimento de diversos núcleos sociais dos quais fazem parte. Pensar reflexivamente sobre tal processo faz-se necessário pela importância que o processo educativo ocupa na formação e transformação de identidades que constituirão a sociedade futura em todos os aspectos de sua composição. Esse pensar, leva-nos a uma lacuna existente entre a aprendizagem efetiva e os percalços eminentes, as lacunas deixadas por aqueles que apresentam, durante seu percurso educacional, dificuldades em absorver os conteúdos apresentados e utilizá-los de forma efetiva em sua vida enquanto ser social. A partir desse pressuposto, faz-se necessário e possível pensar sobre as outras questões que também permeiam essa questão. A partir do entendimento do principal problema que impede a efetividade do aprendizado, refletimos também sobre os fatores que acarretaram tal dificuldade, sendo que compreender a origem do problema viabiliza uma possível solução a fim de minimizar e auxiliar os discentes que apresentam vulnerabilidade no processo educacional a romper com os empecilhos e construir um conhecimento eficaz para seu processo de formação e transformação enquanto ser social. Refletir sobre dificuldades de aprendizagem se faz necessário para que, ao se pensar sobre aspectos que subsidiam o referido tema, faz se possível também pensar sobre possíveis estratégias para minimizar os efeitos que tais dificuldades desencadeiam na vida dos estudantes.

Na obra *Concepção dialética da educação* (1997), Gadotti discorre, principalmente, sobre o pensamento crítico de que a escola é um espaço de reprodução da ideologia dominante, fazendo com que as novas gerações se adaptem ao modelo de sociedade já existente, sendo ela dominadora e excludente. Apesar disso, Gadotti afirma que esse não é o papel da educação, recorrendo a Freire (2005) quando enfatiza no ensino emancipador e libertador.

A educação, em seu aspecto formador e transformador, e atentando-se para a diversidade de faces que abrangem todos as suas peculiaridades, faz-se presente na vida de todos os indivíduos como parte da trajetória humana de cada um. Educar então, é um fenômeno inerente a vida, é cotidiano, ocorre através da perspectiva dialógica a que somos atrelados enquanto seres sociais que somos. As experiências humanas são processos educativos que são capazes de formar, transformar através do contato com o externo, das relações do eu com o mundo.



Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações. (BRANDÃO, 2002, p. 3).

Pensar sobre a educação popular requer uma análise crítica sobre as relações que estão explícitas e implícitas dentro das instituições de ensino, sobre as relações de dominação e opressão convertidas e justificadas por uma falsa formação de sujeitos em busca de sua liberdade. Entendendo a escola como ambiente potente de transformação social, faz-se imprescindível buscar as nuances que se fazem presentes dentro dos atos educativos e o quanto as ações podem solidificar a manutenção e propagação das ações de dominação e perpetuação da relação opressor e oprimido.

Compreender essa relação complexa, em que se percebe uma linha tênue no que vemos na relação das práticas educativas dominadoras encobertas por ações calcadas em ideais libertários é uma atitude importante quando se deseja agir sobre os abismos que ainda existem entre as ações inerentes ao direito à educação de qualidade e a efetuação do mesmo na vida dos seres que compõem principalmente as classes populares.

Parada obrigatória



Pedagogia do Oprimido - Paulo Freire



Para refletir



Para você, qual é o papel da escola na sociedade? Entendendo que você é peça fundamental no contexto da aprendizagem, qual é o seu papel no processo de formação e transformação dos discentes?

Venha trilhar também

Registre aqui suas reflexões!





3^a PARADA

AS DIFICULDADES DE
APRENDIZAGEM

AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

A proposta de pesquisar sobre dificuldade de aprendizagem, mesmo sendo um tema bastante estudado dentro da comunidade acadêmica, pelo fato de ser uma temática extremamente presente dentro das instituições educacionais, é ainda, nos tempos atuais, desafiador. Todas as interfaces educacionais, dentro de seu propósito quase utópico, mesmo que conscientes das mazelas que permeiam o cotidiano das instituições escolares, se faz necessário, uma vez que atuar na formação humana, objetivando a libertação dos seres e conseqüentemente, alterações do meio no qual cada sujeito incide é caminhar para uma sociedade que tenha como essência o caráter igualitário.

Os objetivos educacionais podem ser considerados utópicos uma vez que, com a realidade que temos, estamos distantes de alcançar, de fato, uma educação igualitária e de qualidade para todos, principalmente, para as classes populares.

É perceptível dentro das salas de aula que os protagonistas das dificuldades de aprendizagem, em sua maioria, são os estudantes que compõem as classes não privilegiadas pelo sistema dominador que vivemos. Isto posto, refletir sobre o objetivo da educação como possibilidade de transformação é refletir também sobre as adversidades sociais que impedem que a educação cumpra com seus objetivos emancipadores e libertadores dos seres. Essa estrutura organizacional de nossa sociedade, que é aceita e reproduzida automaticamente, em que o caráter de dominação é realizado de forma imperceptível por aqueles que a sofrem e também por vezes, por aqueles que a praticam, é perpetuada dentro das instituições de ensino com falsos ideais de igualdade, camuflando os verdadeiros interesses neoliberalistas.



Existe a educação de cada categoria de sujeitos de um povo; ela existe em cada povo, ou entre povos que se encontram. Existe entre povos que submetem e dominam outros povos, usando a educação como um recurso a mais de sua dominância. (BRANDÃO, 2002, p.4).

Compreender essa relação complexa, em que se percebe uma linha tênue no que vemos na relação das práticas educativas dominadoras encobertas por ações calcadas em ideais libertários é uma atitude importante quando se deseja agir sobre os abismos que ainda existem entre as ações inerentes ao direito à educação de qualidade e a efetuação do mesmo na vida dos seres que compõem principalmente as classes populares.



Esse sistema se sustenta pela exploração, acentuando a desigualdade social e elaborando narrativas divulgadas com o uso de diferentes estratégias com a finalidade de que a maioria das pessoas incorpore a ideia de que é possível aceitar e conviver com teorias e práticas vinculadas à hierarquização das vidas humanas, à negação do direito às condições dignas de vida para todos e todas. As justificativas para as referidas desigualdades ancoram-se na defesa da meritocracia, na ilusão da possibilidade de ascensão social para a maioria da população e naturalização da exploração. Essas justificativas, também, contam com mecanismos de repressão aos movimentos que desnudam essas falácias e propõem outros modos de vida. (SOUZA e NOVAIS, 2021, p.529).

Refletir sobre dificuldades de aprendizagem requer um olhar criterioso, específico, crítico e reflexivo em todas as estratégias utilizadas a fim de desvencilhar os impasses que permeiam o processo de formação e transformação, assim como na busca da compreensão das barreiras impeditivas do crescimento para fins emancipatórios e com ideias de liberdade dos sujeitos sociais.



As dificuldades de aprendizagem constituem-se em um fenômeno complexo que se revela no processo de aprendizagem de crianças e adolescentes. Na etapa da adolescência costuma ser agravado pelas características típicas desta fase da vida, repercutindo não só no desenvolvimento acadêmico do estudante, mas também em aspectos da sua vida pessoal e social. Muitas vezes, as dificuldades de aprendizagem surgem como um sintoma que o adolescente manifesta relacionado ao ambiente familiar e social no qual ele está inserido. (ANTUNES, 2010, s/p).

Ciente da complexidade que envolve o processo de ensinar e aprender e dada a principal questão que elenca sobre as principais dificuldades apresentadas pelos estudantes ao ingressar na segunda etapa do Ensino Fundamental, são dificuldades oriundas da não consolidação das habilidades propostas para os anos anteriores, sendo que, uma vez não consolidadas, o estudante não consegue avançar dentro dos conteúdos propostos para a etapa de escolaridade investigada.

Desta forma, dentro das habilidades não consolidadas, pressupõe-se que a defasagem no processo de alfabetização, letramento e alfabetização matemática apresenta o quadro mais grave das dificuldades apresentadas pelos discentes, uma vez que, ao ingressar no 6º ano do Ensino Fundamental, sem estar alfabetizado, o coloca em uma situação de extrema vulnerabilidade educacional, sendo a aquisição da leitura e escrita um requisito básico e primordial para a absorção e efetivação dos conteúdos ministrados pela instituição de ensino.



Os resultados obtidos demonstraram que os professores apresentam uma visão parcial do que seja a dificuldade de aprendizagem pois, para 40% ela surge em decorrência de problemas emocionais, para 27% ela é consequência de problemas familiares, 7% consideraram a prática docente como fator importante para a aprendizagem e apenas 3% identificaram que a postura do professor pode contribuir para o aparecimento da dificuldade no aluno. Nossos dados mostram que os professores não consideraram uma rede de fatores que envolvem a temática da dificuldade de aprendizagem, depositando a maior responsabilidade à família e ao próprio aluno, não considerando a correspondência entre a metodologia, a relação do professor e sua prática com a dificuldade do aluno. (OSTI, 2004, p.s/p.)

Essa realidade se faz presente de forma contundente, uma vez que os profissionais da educação, ainda insistem em afirmar que não são preparados para atuar de forma positiva no processo de ensino e aprendizagem de estudantes que apresentam uma necessidade especial na construção do conhecimento. É perceptível que, mesmo com a disseminação de informações sobre os mais variados transtornos existentes no mundo contemporâneo, os discentes, em uma porcentagem acentuada dentro das escolas, afirmam não saber e resistem a aprender aquilo se faz novo e necessário dentro da diversidade que existe no processo de construir o conhecimento.

Outro aspecto consideráveis são as competências socioemocionais que incidem sobre o complexo processo do qual há a presente reflexão. Vivemos em uma realidade em que aspectos socioemocionais são determinantes para o desenvolvimento pleno de um ser social, e a fragilidade demonstrada por crianças e adolescentes pode ser um fator decisivo no sucesso ou fracasso escolar. Atualmente, no período pós pandêmico que estamos vivenciando muitas mazelas presentes no contexto educacional, têm sido justificadas pelo período de pandemia, inclusive os problemas socioemocionais que têm se apresentado de forma numerosa dentro das instituições de ensino. É plausível, dentro do atual contexto, afirmar que tais problemas afetam diretamente no desenvolvimento da aprendizagem de cada estudante, uma vez que desestabilizado emocionalmente, todo o complexo processo da construção dos variados tipos de conhecimento fica fortemente comprometido e pode ser também um dos fatores que desencadeiam as dificuldades no aprender.

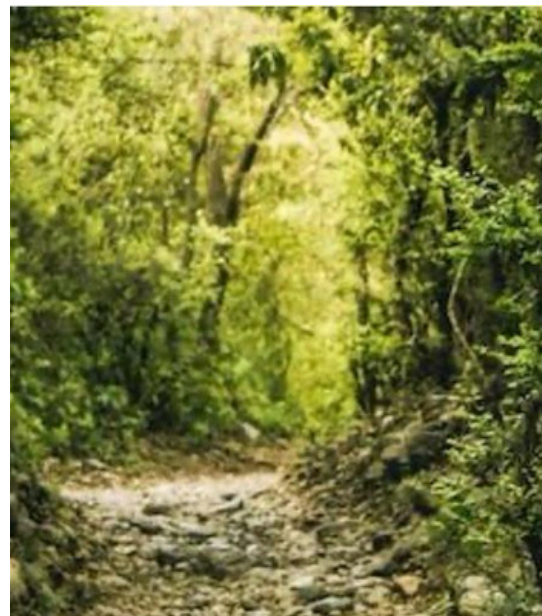
Ao trilhar esse caminho é necessário pensar pelo viés dominante que está nas entrelinhas das legislações que regem os currículos que dão origem aos conteúdos ministrados nas salas de aula. Pensar no sistema opressor que está incutido no processo de ensino e aprendizagem faz com que reflitamos sobre o que a escola faz quando se depara com estudantes que não estão aptos a dar continuidade na construção do conhecimento pelo ano de escolaridade evidenciado nesta pesquisa. Quando um estudante não consegue apreender e dominar os determinados conteúdos propostos pelo currículo de determinado ano, este estudante carrega estereótipos culturalmente estruturados que o fazem estar fadados ao fracasso escolar e a escola, ainda hoje, com seu conjunto de estratégias pedagógicas, não consegue lidar, minimizar ou erradicar o problema, seja por falta de interesse, seja por falta de conhecimento, seja pela cultura colonial que ainda está fortemente impregnada em nosso modo de ser e pensar a educação. Como cultura colonial, vemos ainda o sistema opressor e a relação de submissão dos oprimidos frente as ações pedagógicas que não concebem a diversidade dentro de seu currículo.

Apesar do termo flexibilidade curricular ser fortemente disseminado nos cursos de formação de professores, vemos ainda um sistema curricular conteudista pouco flexível diante das necessidades educacionais da diversidade discente que as escolas públicas abrangem. Pensar sobre dificuldade de aprendizagem é, antes de tudo, refletir o que o sistema educacional faz frente aquilo que é o gargalo da educação, que impede que a mesma seja disseminada de forma qualitativa para todos, garantindo a tão almejada equidade educacional, principalmente dentro das escolas públicas de nosso país.

A questão de pesquisa que subsidiou todas as ações deste processo, é uma questão comumente vivida dentro das salas de aula, principalmente das escolas públicas, atingindo diretamente o processo de formação e transformação de educandos nos mais diversos contextos educacionais em todo o país.



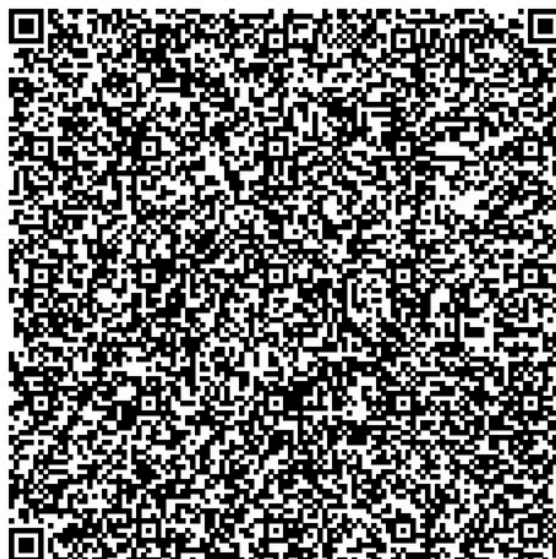
“Aos esfarrapados do mundo e aos que nele se descobrem e, assim, descobrindo-se, com eles sofrem, mas sobretudo, com eles lutam” (Freire, 2005, p.23)



Parada obrigatória



Colonialismo e colonialidade na educação: da denúncia ao anúncio da resistência propositiva popular. - Tiago Zanqueta e Gercina Novais



Para refletir



Em sua sala de aula, quem são os protagonistas das dificuldades de aprendizagem?

Vamos além, mais que pensar quem são, reflita: por que são?

Venha trilhar também

Registre aqui suas reflexões!





4^a PARADA

TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM E
COMPONENTES SOCIOEMOCIONAIS: COMO
ESSES FATORES INCIDEM SOBRE AS
DIFICULDADES?

TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM E COMPONENTES SOCIOEMOCIONAIS: COMO ESSES FATORES INCIDEM SOBRE AS DIFICULDADES?

Atuar na educação popular possui suas imensas facetas em que impulsionam os profissionais da educação a assumirem um determinado lugar diante das características inerentes a mesma. Neste contexto, o educador pode assumir o lugar de reforçador da cultura dominante em que culpabiliza estudantes pelas suas dificuldades, ou também, pode assumir um lugar de resistência, e quando se resiste busca compreender as razões para as dificuldades entendendo que é papel da escola auxiliar a todos os discentes no seu processo de formação, entendendo que cada ser é único e que na diversidade de saberes, todos podem crescer e se transformar.

Diante de todas as suposições acerca das razões das dificuldades de aprendizagem dos educandos, os transtornos vem ganhando, no decorrer dos últimos anos, um espaço notório dentro do espaço escolar, em que, quando é percebido que um discente apresenta dificuldades na construção do conhecimento, tendo rendimento aquém do esperado, logo é deduzido e conseqüentemente, encaminhado para atendimento médico, uma vez que supostamente, na visão escolar, o estudante apresenta alguma condição neurobiológica que o impeça de alcançar os resultados esperados pela instituição escolar.

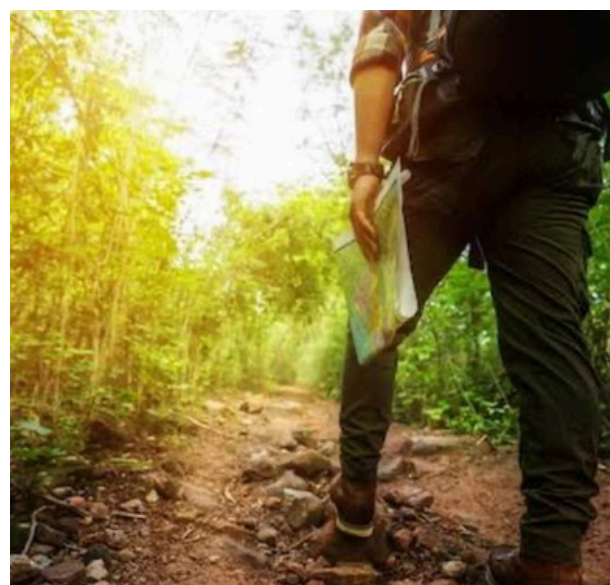
O foco principal deste estudo não se configura nas interferências causadas pelos transtornos neurobiológicos, uma vez que cientificamente, é comprovado que há sim interferências dos mesmos no processo de construção do conhecimento. Sendo que, os indivíduos que são diagnosticados com qualquer transtorno de aprendizagem estão mais suscetíveis a apresentar dificuldades no complexo processo que envolve os seres aprendentes e sua relação com a construção do saber. O que é interessante para esta pesquisa é compreender o que a escola faz frente as barreiras encontradas pelos estudantes, sejam elas advindas de transtornos ou não. Como são percebidas essas dificuldades e qual a concepção de dificuldades de aprendizagem adotadas pelas instituições de ensino. É notório que essa temática é conflitante e desafiadora, uma vez que engloba fatores internos e externos ao contexto escolar.

Acerca desta abordagem, vê-se uma dificuldade encontrada pelas instituições de ensino ao atendimento da demanda que exige das instituições escolares novas formas de construção do conhecimento em que a adoção da metodologia tradicional não alcança. Torna-se mais fácil justificar que um aprendiz não tem o desenvolvimento esperado por consequência de um diagnóstico do que desenvolver estratégias pedagógicas que o auxiliem a superar as barreiras que suas condições neurobiológicas impõem.

Voltamos assim aos interesses de dominação camuflados por falsas ações de educação inclusiva, em que as minorias não são importantes e que pouco interessa o seu desenvolvimento para uma sociedade com concepções neoliberais e neoconservadoras.



A dificuldade de aprendizagem não é uma doença e não envolve comprometimento orgânico ou neurológico, podendo ser trabalhada na escola pois decorre de problemas como falta de estimulação e/ou inadaptação, não sendo, portanto, um problema exclusivo do aluno nem tendo como causa única sua família. É preciso ter claro que participam da dificuldade de aprendizagem um conjunto de fatores como a escola, a prática pedagógica, a metodologia de ensino, a relação professor e aluno, o clima da sala de aula, o interesse e o emocional do aluno, assim como sua família. Ressaltamos que ao se apontar ou diagnosticar um aluno com dificuldade de aprendizagem, é imprescindível que todos esses fatores tenham sido considerados, caso contrário estaremos sempre limitando o problema à uma única causa e certamente acarretando no futuro, sérios problemas ao aluno, talvez até determinando seu insucesso.(OSTI, 2004, p.136).



Atualmente, é muito comum no interior das escolas, a queixa vinda por parte de estudantes sobre as dificuldades que encontram em suas relações sociais, em que tem se tornado corriqueiros problemas como crises de ansiedade em que vem se acentuando e aumentando cada vez mais o número de crianças, adolescentes e jovens que utilizam medicamentos como ansiolíticos para que consigam minimizar os malefícios que tais patologias tem causado, sobretudo em suas relações sociais. Desta forma, temos então a seguinte questão: os fatores socioemocionais incidem também sobre as dificuldades de aprendizagem?



Diante da queixa escolar, muitos questionamentos emergem sobre o (não) aprender e requerem reflexões sobre a multiplicidade de fatores que podem estar aí imbricados. A trama escolar envolve múltiplos atores – o aprendente, o professor, a família, a instituição escolar, os demais profissionais em educação e em saúde, e múltiplas perspectivas e expectativas sobre o (não) aprender. (SILVA, 2009, p.73).

Desta forma, podemos compreender fatores que incidem sobre as competências socioemocionais, em que, uma vez que os discentes encontram barreiras para progredir no processo de aprendizagem é disseminada uma série de questões, inclusive de caráter emocional que pode dificultar ainda mais este processo, ou então, quando o aprendiz apresenta quaisquer problemas advindos de fatores emocionais é notado que pode influenciar em seu aproveitamento escolar.

Neste contexto, é muito comum, no chão das escolas, estudantes que apresentam problemas externos, como separação familiar, situação de luto, problemas com os diversos tipos de vício entre integrantes da família, assim como os diversos percalços sofridos dentro dos variados contextos sociais, tenham comprometimento ao construir seu aprendizado. Neste viés de pensamento, retornamos à concepção de que é mais importante refletir sobre o que a escola faz frente as dificuldades apresentadas do que refletir sobre os fatores que podem ser os fundamentos sobre as mesmas, uma vez que o ser humano é um conjunto de elementos multifatoriais em que é dever da escola lidar com esta pluralidade, o que, de fato, não acontece. Sendo talvez, o grande problema dentro de todas as possíveis relações que afetam as barreiras encontradas pelos educandos - educadores.



A educação tem tudo a ver com a preservação da vida em todos os seus aspectos, sejam sociais, ambientais, científicos, sejam culturais ou outros. É ela que pode propiciar a formação de valores de vida com base em conhecimentos, para as novas gerações. É nela que o sentido das aprendizagens é garantido e estamos diante da possibilidade de criação de nova consciência e posturas diante da vida, nas relações, na sociedade, na educação das futuras gerações. (GATTI, 2020, p. 38)

Compreendendo a importância que a educação apresenta para a construção da identidade, é mais relevante pensar nas ações pedagógicas realizadas frente a necessidade de superação dos desafios de cada estudante no que nos motivos que desencadeiam tais dificuldades. Compreender os aspectos que são os fundamentos que subsidiam a dificuldades apresentadas pelo discente pode ser relevante para auxiliar no planejamento de ações para minimizar ou sanar a dificuldade apresentada. Desta forma, o problema encontrado, seja problemas socioemocionais, seja transtornos de aprendizagem, não pode simplesmente assumir o protagonismo e a justificativa das dificuldades apresentadas e assim camuflar falsas intenções pedagógicas que não surtem efeito por conta dessas patologias.

Mais uma vez retornamos ao processo de interesses dominadores, uma vez que estudantes que apresentam problemas de cunho socioemocional também fazem parte das minorias que são oprimidas. Ter a ciência de que os problemas psicológicos são de fato mais uma das raízes dos problemas que desencadeiam as dificuldades de aprendizagem pode ser importante no entendimento sobre o conteúdo, mas torna-se mais importante refletir sobre o enfrentamento deste percalço pelas instituições escolares. Retornando ao conceito de educação bancária, aqueles que não se enquadram no interesse das classes dominantes são escanteados e colocados a margem da centralização das atenções no ato de aprender.

Parada obrigatória



Educação e Emoções - Elisa Pereira
Gonsalves



Para refletir



Como você lida com as variáveis dentro da sala de aula? Se exime, culpabilizando fatores externos ou realiza uma prática pedagógica diversa como o público para qual destina suas ações?

Venha trilhar também

Registre aqui suas reflexões!





5^a PARADA

CURRÍCULO É PODER

CURRÍCULO É PODER

O currículo é uma palavra comum dentro do contexto escolar e que nos torna familiar pelo fato de que é o objeto que orienta as ações pedagógicas, para Sacristán (2013) o currículo por ser algo constante e cotidiano na vida escolar “sentimos a necessidade de simplificar para que nos façamos entender, o que nos transforma em seus promotores. Nesse sentido, afirmamos que o currículo é algo evidente e que está aí, não importa como o denominamos. É aquilo que um aluno estuda.” (SACRISTÁN, 2013, p. 16). A organização curricular utilizada por uma instituição de ensino engloba os saberes considerados necessários para que o estudante alcance no ano de escolaridade em que está inserido, sendo uma importante ferramenta para subsidiar o trabalho de pedagogos e professores, tendo a função de direcionar o trabalho docente na condução das ações pedagógicas frente ao objetivo geral da educação, que deve ser o auxílio no processo de construção do conhecimento por parte dos discentes.



O currículo determina que conteúdos serão abordados e, ao estabelecer níveis e tipos de exigências para os graus sucessivos, ordena o tempo escolar, proporcionando os elementos daquilo que entenderemos como desenvolvimento escolar e daquilo em que consiste o progresso dos sujeitos durante a escolaridade. (SACRISTÁN, 2013, p. 18).

O que problematiza a questão curricular é que ao propor um currículo unificado com o suposto objetivo de garantir que todos os estudantes tenham acesso ao mesmo conteúdo é que o público a ser atendido não é unificado, pelo contrário, é um público plural e diverso, tendo, portanto, necessidades educacionais que atendam a essa diversidade que caracteriza a educação popular em nosso país. Outra questão problematizadora e que muito é relevante para este estudo são os aspectos que estão nas entrelinhas das propostas curriculares. Sabe-se que vivemos em uma estrutura social dominadora, em que a propagação da ideologia elitista é fundamental para a manutenção das relações de poder de determinados grupos sociais. Desta forma, é possível afirmar que a organização curricular contribui para essa propagação apesar de, aparentemente, objetivar a garantia aos discentes da igualdade ao acesso dos conteúdos.

É necessário que professores e profissionais da educação tenham um olhar em relação àquilo que está implícito nas grades curriculares impostas por aqueles que são responsáveis pela construção dessa organização.



A sociedade vem desenvolvendo um sistema educacional orientado pela centralização e regulação dos currículos pelo Estado, para manter o status ou o privilégio da elite. Considera o trabalho manual degradante; os intelectuais são dignos e os que trabalham com as mãos são indignos. Por isso, as escolas técnicas se enchem de filhos das classes populares e não das elites. (SOUZA e NOVAIS,2021,p.539)

Tendo como proposta a investigação sobre dificuldades de aprendizagem em educandos público da educação popular, analisar de forma reflexiva as intenções implícitas através da imposição de um determinado currículo é de extrema importância uma vez que o mesmo faz parte do cotidiano escolar estando presente dentro das salas de aula através das práticas docentes que apesar de pregarem um currículo flexível de acordo com as necessidades dos discentes, tem-se na realidade, um currículo engessado que privilegia um determinado tipo de conhecimento em detrimento da diversidade que verdadeiramente atende no chão das instituições escolares. Desta forma, a prática docente



Exige questionar se as interações pessoais nas salas de aula e na escola, assim como os modelos de participação estão condicionados por preconceitos e falsas expectativas; se as estratégias de avaliação servem para diagnosticar o quanto antes os problemas e nos manter alertas perante as dificuldades que cada estudante tem, mas em especial nos deixar cientes das dificuldades daqueles que pertencem a grupos sociais em situações de risco ou às minorias que sofrem todo tipo de discriminação. Da mesma maneira, é preciso julgar o grau em que as teorias educativas que embasam as propostas curriculares com as quais se trabalha são o resultado de levar em conta as vozes dos “outros”, suas necessidades, perspectivas e esperanças. (SANTOMÉ, 2013. p. 10).

Vê-se assim que tanto professores e estudantes são direcionados por agentes externos e esse direcionamento pode ser determinante para a manutenção da relação de poder existente em nossa sociedade. Sobre a organização curricular, Sacristán (2013, p.18) aponta que “junto com a ordenação do currículo é regulado o currículo (o que é ensinado e sobre o que se aprende), são distribuídos os períodos para se ensinar e aprender, é separado o que será o conteúdo do que se considera que deva estar nele inserido e quais serão os conteúdos externos.” Vê-se, portanto, o caráter engessado e homogêneo dos documentos que orientam as práticas pedagógicas escolares. “Tudo isso, como um conjunto, constituirá o padrão sobre o qual se julgará o que será considerado sucesso ou fracasso, o normal ou anormal, o quanto é satisfatória ou insatisfatória a escola, quem cumpre o que é estabelecido e quem não o faz.” (SACRISTÁN, 2013, p.18)

Destarte, tendo o currículo características de homogeneidade, pode-se inferir que não estando aberto para a flexibilidade que a pluralidade cultural engloba, os estudantes das classes populares podem ficar excluídos do conhecimento priorizado pelo mesmo, uma vez que, como Freire (2005) enfatiza sobre a importância de valorizar as vivências externas do estudante, um currículo que tem como característica ideias de dominação, segrega conhecimentos vindos dos saberes populares e valoriza os conhecimentos elitistas e neoliberais.

Neste viés de compreensão e reflexão, é possível entender que a organização curricular é um fator que pode contribuir para que aprendizes encontrem barreiras na construção do conhecimento. Souza e Novais (2021) apontam para o caráter dominador dos documentos que regem a educação brasileira em que, através das regulações implícitas dentro dos textos que legislam e norteiam as ações educativas dentro das instituições escolares, vê-se a perpetuação das ideologias elitistas reforçando a estrutura social segregadora e excludente.

Objetivando uma educação popular que tenha como finalidade a conscientização política de um povo, com ideias de emancipação humana e libertação das amarras dominadoras faz-se necessário um olhar crítico para os aspectos que compõem as vertentes curriculares educacionais.



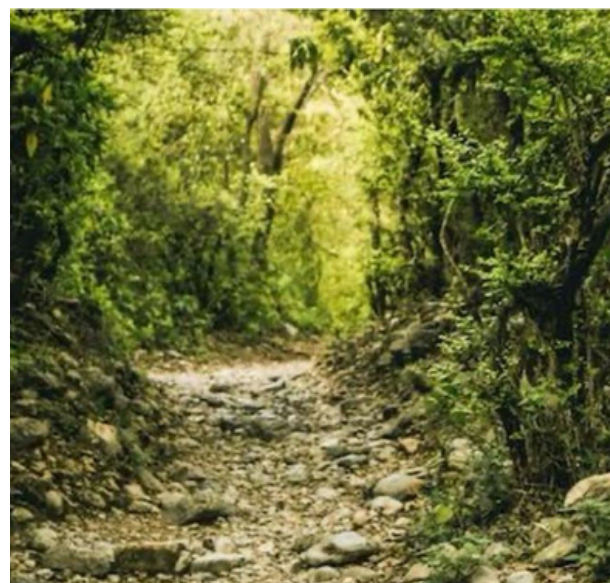
Referir-se à justiça curricular implica considerar as necessidades do presente para em seguida analisar de forma crítica os conteúdos das distintas disciplinas e das propostas de ensino e aprendizagem com as quais se pretende educar as novas gerações e prepará-las para a vida. Esta meta, é lógico, preocupa os professores comprometidos com a atribuição de poderes aos grupos sociais mais desfavorecidos e, portanto, com a construção de um mundo melhor e mais justo (SANTOMÉ, 2013, p.10).

Discorrer sobre dificuldades de aprendizagem requer, então, uma análise reflexiva sobre todos os aspectos que compõem as ações pedagógicas que permeiam o cotidiano escolar. Neste estudo, há a disposição de compreender fatores que interferem no complexo processo que envolve a construção do conhecimento com vistas a estabelecer reflexões que possam auxiliar profissionais da educação que objetivam auxiliar educandos que encontram dificuldades em todo esse processo.

Compreender as entrelinhas que compõem os currículos escolares, analisando criticamente o que nele vem predisposto, subsidia a ação pedagógica nas ações que se concretizam no chão das escolas.



Comprometer-se com uma educação crítica e libertadora obriga a investigar em que medida os objetivos, os conteúdos, os materiais curriculares, as metodologias didáticas e os modelos de organização escolar respeitam as necessidades dos distintos grupos sociais que convivem em cada sociedade. (SANTOMÉ, 2013, p. 9).



Parada obrigatória



Saberes e Incertezas do Currículo - José Gimeno Sacristán



Para refletir

Em sua prática pedagógica, você já havia observado o currículo como instrumento de perpetuação dos interesses da classe dominante dentro das escolas?



Venha trilhar também

Registre aqui suas reflexões!





6^a PARADA

AVALIAR PRA QUÊ?



AVALIAR PRA QUÊ?

Dada a afirmação de que as situações de dominação estão enraizadas em nossa história como característica justificável dentro da perspectiva da ideologia dominante, faz-se importante refletir sobre o quanto as condições de opressão incidem dentro dos variados contextos, inclusive no contexto educacional da educação popular. Vivenciando as condições exigidas pela práxis dominadora, os oprimidos ocupam um lugar de mediocridade dentro da sociedade, sendo convencidos de que o lugar que ocupam lhes é cabível por inúmeras “explicações” advindas das ideias de dominação. Tais explicações os colocam em um lugar de vulnerabilidade sendo facilmente “manobrados” dentro das necessidades elitistas de um grupo que precisa dos oprimidos para serem cada vez mais opressores, sendo a estrutura hierárquica de poder internalizada dentro dos espaços sociais e se fazendo presente nos variados contextos sociais que estruturam o meio em que vivemos.

Entendendo que as ações escolares perpetuam o sistema de opressão dentro das instituições de ensino, as avaliações surgem, assim como o currículo, como ferramentas utilizadas para tal perpetuação.



A sociedade vem desenvolvendo um sistema educacional orientado pela centralização e regulação dos currículos pelo Estado, para manter o status ou o privilégio da elite. Considera o trabalho manual degradante; os intelectuais são dignos e os que trabalham com as mãos são indignos. Por isso, as escolas técnicas se enchem de filhos das classes populares e não das elites. (SOUZA e NOVAIS, 2021, p.539).

Sobre essa temática que Maria Teresa Esteban, em sua obra “O que sabe quem erra? Reflexões sobre avaliação e fracasso escolar” (2002) discorre criticando o sistema educacional vigente, refletindo sobre a necessidade de uma escola pública de qualidade que garanta a seu público a efetivação de suas necessidades enquanto ser social. Dentre suas principais reflexões Esteban (2002) enfatiza o caráter discriminatório que o sistema de avaliação possui uma vez que as avaliações realizadas nas salas de aula reduzem e padronizam um determinado tipo de estudante, aquele que está apto a também a cumprir as demandas da sociedade, e não dá subsídios para que os demais apresentem suas habilidades e conseqüentemente, as desenvolvam construindo seus conhecimentos. A vista disso, não havendo flexibilidade no sistema de avaliação, ocorre uma exclusão daqueles que encontram dificuldades nos moldes adotados pela escola para aferir/medir a aprendizagem dos discentes.

Nesse contexto, Esteban (2002, p.17) afirma que “criar alternativas para o desenvolvimento da sociedade é urgente. Escutar as culturas silenciadas em nossa história é indispensável.” Elucidando assim sobre a necessidade de rever as práticas educativas a fim de que as mesmas sejam contribuintes ao processo de formação e transformação de identidades e seres sociais. Para Esteban “O presente tem as marcas do passado que, mesmo sendo imperceptíveis, precisam ser (re) interpretadas como sinais de possibilidade de luta e de transformação” (ESTEBAN, 2002, p. 17)

A partir deste pensamento infere-se que, comumente, o aprendizado é colocado em um determinado padrão, ignorando a multiplicidade de saberes advindos da pluralidade cultural que os estudantes, sobretudo das classes populares, apresentam em seu contexto social. Essa padronização segrega e exclui uma vez que não considera o conhecimento proveniente da experiência peculiar de cada discente, em que, se as vivências são diferentes não há como padronizar o conhecimento, pois o mesmo é flexível, particular e múltiplo. Como enfatiza Freire (2004, p.15) “educar exige respeito aos saberes dos educandos”, onde para uma prática libertadora, a construção do conhecimento deve partir das vivências cotidianas de cada educando, sendo tais vivências enriquecedoras e ferramentas importantes para o crescimento e pelo processo constante de evolução que é inerente aos seres humanos.



Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 2004, p.15).

A partir deste pensamento infere-se que, comumente, o aprendizado é colocado em um determinado padrão, ignorando a multiplicidade de saberes advindos da pluralidade cultural que os estudantes, sobretudo das classes populares, apresentam em seu contexto social. Essa padronização segrega e exclui uma vez que não considera o conhecimento proveniente da experiência peculiar de cada discente, em que, se as vivências são diferentes não há como padronizar o conhecimento, pois o mesmo é flexível, particular e múltiplo. Como enfatiza Freire (2004, p.15) “educar exige respeito aos saberes dos educandos”, onde para uma prática libertadora, a construção do conhecimento deve partir das vivências cotidianas de cada educando, sendo tais vivências enriquecedoras e ferramentas importantes para o crescimento e pelo processo constante de evolução que é inerente aos seres humanos. Outro ponto passível de reflexão é o formato das avaliações externas que também padroniza e limita através das questões de múltipla escolha. Neste tipo de avaliação o estudante tem somente as opções do erro ou do acerto, não há como considerar o processo, os caminhos que o levou a marcar determinada resposta, sendo estes caminhos extremamente relevantes para a compreensão do saber construído pelo sujeito enquanto ser pensante e em constante evolução. Tendo a ciência da evolução humana, em que, segundo Freire (2005) enfatiza o inacabamento inerente à espécie, que “os reconhece como seres que estão sendo, como seres inacabados, inconclusos em, e com uma realidade de que, sendo histórica também, é igualmente inacabada” (FREIRE, 2005, p. 102) fazendo assim, a constante busca humanizante do “ser mais”.

Para continuar trilhando este caminho é necessário compreender que existe todo um sistema que corrobora com a educação de qualidade para aqueles que nasceram para estudar, em detrimento daqueles em que a escola não é para eles, sendo a educação utilizada como mais um aparelho ideológico da sociedade, em que, através de suas ações tem o objetivo de fazer com que as novas gerações, os estudantes, se convençam e se adaptem ao modelo de sociedade que já existe, sendo este, fruto de todo o processo de colonização, priorizando uma determinada cultura, um determinado saber mantendo assim, as relações de poder entre os seres sociais, como evidencia Gadotti (1997).

Essa tomada de consciência eleva professores e equipe pedagógica a interpretação das ações impostas pelo sistema e colabora com a consciência da necessidade de enxergar em todos os grupos sociais a potencialidade advinda de seus saberes os tornando educandos-educadores em um processo de aprendizagem mútua, coletiva, colaborativa e talvez, potente para resistir propositivamente (SOUZA; NOVAIS, 2021) a um processo dominante que está enraizado também no chão das escolas, em que o fracasso escolar se naturaliza através da concepção de que cada grupo tem seu lugar.



Estamos acostumados, nas escolas, a trabalhar no contexto das chamadas “grades curriculares”. Em geral, elas são compostas por disciplinas, cada uma delas representando uma área do conhecimento humano. Acostumamo-nos com esta realidade, pensamos que seja “natural” que aconteça assim e, raramente, nos perguntamos qual a razão disto. (GALLO, 2009, p. 15)

Parada obrigatória



O que sabe quem erra? Reflexões sobre avaliação e fracasso escolar. - Maria Teresa Esteban



Para refletir

Ao avaliar seus discentes, você leva em consideração a diversidade de realidade e saberes que os estudantes constroem em suas relações contextuais?



Venha trilhar também

Registre aqui sua reflexões!





7^a PARADA

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM
OU DIFICULDADES DE ENSINAGEM?

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM OU DIFICULDADES DE ENSINAGEM?

“Ensinar não é transferir conhecimento” (FREIRE, 2004, p. 21). Com as aparentes modificações no sistema educacional que vem surgindo ano após ano, essa uma das frases mais utilizadas por aqueles que defendem que o conhecimento não é algo transferível, e sim algo a ser construído pelos indivíduos.



É preciso insistir: este saber necessário ao professor – que ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa de ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa de ser constantemente testemunhado, vivido. (FREIRE, 2004, p. 21).

O termo “dificuldades de ensinagem” surgiu no entendimento de que as dificuldades de aprendizagem acontecem porque há professores que apresentam dificuldades em oferecer práticas pedagógicas que concebam e legitimem a diversidade de saberes originários da pluralidade cultural existente em nosso país e, conseqüentemente, no interior das escolas, principalmente das instituições públicas de ensino. Vê-se, portanto, a dificuldade de ensinagem relacionada à prática de instrumentos pedagógicos que não consideram a diversidade pode ser oriunda do modelo opressor existente em nossa estrutura social, que valoriza apenas um saber de forma a dar continuidade a hegemonia que subalterna os demais saberes à condição de “não saberes”.

O termo “dificuldades de ensinagem” surgiu no entendimento de que as dificuldades de aprendizagem acontecem porque há professores que apresentam dificuldades em oferecer práticas pedagógicas que concebam e legitimem a diversidade de saberes originários da pluralidade cultural existente em nosso país e, conseqüentemente, no interior das escolas, principalmente das instituições públicas de ensino. Vê-se, portanto, a dificuldade de ensinagem relacionada à prática de instrumentos pedagógicos que não consideram a diversidade pode ser oriunda do modelo opressor existente em nossa estrutura social, que valoriza apenas um saber de forma a dar continuidade a hegemonia que subalterna os demais saberes à condição de “não saberes”.

No contexto das dificuldades de ensinagem, há a culpabilização de fatores externos como falta de apoio familiar, uso excessivo de tecnologias, carência afetiva, ausência de diagnóstico clínico de transtornos, falta de perspectiva do estudante, fatores socioeconômicos, pandemia, problemas emocionais para justificar as dificuldades de aprendizagem dos estudantes. Em que não há a atribuição e relação entre as práticas pedagógicas pautadas apenas em um currículo dominador e as barreiras encontradas pelos discentes no processo de construção do conhecimento.



É preciso ter claro que participam da dificuldade de aprendizagem um conjunto de fatores como a escola, a prática pedagógica, a metodologia de ensino, a relação professor e aluno, o clima da sala de aula, o interesse e o emocional do aluno, assim como sua família. Ressaltamos que ao se apontar ou diagnosticar um aluno com dificuldade de aprendizagem, é imprescindível que todos esses fatores tenham sido considerados, caso contrário estaremos sempre limitando o problema à uma única causa e certamente acarretando no futuro, sérios problemas ao aluno, talvez até determinando seu insucesso. (OSTI, 2004, P.128)

Destarte, culpabilizar apenas fatores externos configura-se como uma dificuldade de ensinagem, uma vez que para Freire (2004, p. 17) “Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática” em que “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.” (FREIRE, 2004, p.17). Desta forma, percebe-se a necessidade de repensar o que se tem feito a fim de analisar se as ações pedagógicas são coerentes com as necessidades dos educandos. Reflexão crítica deve ser um exercício constante em que



Quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me, no caso, do estado de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica. Não é possível a assunção que o sujeito faz de si numa certa forma de estar sendo sem a disponibilidade para mudar. Para mudar e de cujo processo se faz necessariamente sujeito também. (FREIRE, 2004, p.18).

Parada obrigatória



Pedagogia da Autonomia - Paulo Freire



Para refletir

Quais são as dificuldades de ensinagem enfrentadas por você em sua prática pedagógica cotidiana?

O que fazer para superá-las?



Venha trilhar você também

Registre aqui suas reflexões!





8^a PARADA

OS DESAFIOS IMPOSTOS
AO ATO DE RESISTIR

OS DESAFIOS IMPOSTOS AO ATO DE RESISTIR

Ao buscar entender os problemas que resultam nas dificuldades de aprendizagem e conseqüentemente, no fracasso escolar tão presentes dentro das instituições de ensino das classes populares, vimos que há uma forte influência da organização social que, ainda na contemporaneidade, reflete os aspectos de colonização que marca o nosso passado histórico perpassando por gerações e acarretando a sobreposição de um povo sob o outro. Na atualidade, essa sobreposição de classes existe através do sistema de dominação neoliberalista e neoconservadora que incide dentro do contexto social com o objetivo de manter e perpetuar os interesses das elites, onde há a valorização de uma cultura em detrimento de tantas outras que advém das classes populares.

Essa supremacia e disseminação dos interesses de uma determinada classe ocorre nos diversos meios sociais que permeiam a estrutura social existente, inclusive o contexto escolar. Desta forma, a perpetuação dos ideais de dominação acontece quando as instituições escolares supervalorizam um saber e excluem tantos outros, em que, na concepção dominante, há apenas uma forma de aprender, um determinado tipo de conhecimento que deve ser valorizado, sendo estes advindos dos interesses elitistas. Aqueles que não conseguem se apropriar desta forma de aprender e saber únicos são excluídos e protagonizam os fracassados sociais que se multiplicam dentro das classes populares.

A relação de dominação e opressão incide tão forte, que aqueles que são os dominados e oprimidos são convencidos, através de um discurso forte e persuasivo de perpetuação da ideologia elitista, de que eles não “nasceram” para a escola e para o propósito que as instituições de ensino contém dentro de seus objetivos camuflados de interesses e por consequência deste discurso, os excluídos e marginalizados aceitam de forma pacífica aquilo que lhes é imposto, e “entendem” que o lugar que ocupam é decorrente da “lei natural das coisas.”

Dentro deste contexto percebe-se a necessidade urgente de resistência frente a disseminação secular dessa verdade opressora. É necessário que as classes populares não “aceitem” seu lugar no mundo porque este lugar não é estanque e não é legitimado, pelo contrário, o lugar de cada um pode e deve ser construído através da resistência e não aceitação de verdades estigmatizadas através interesses advindos de classes que necessitam de que as relações permaneçam em seus lugares para que a supremacia advinda da dominação continue perpetuando e garantindo o “status” necessário.

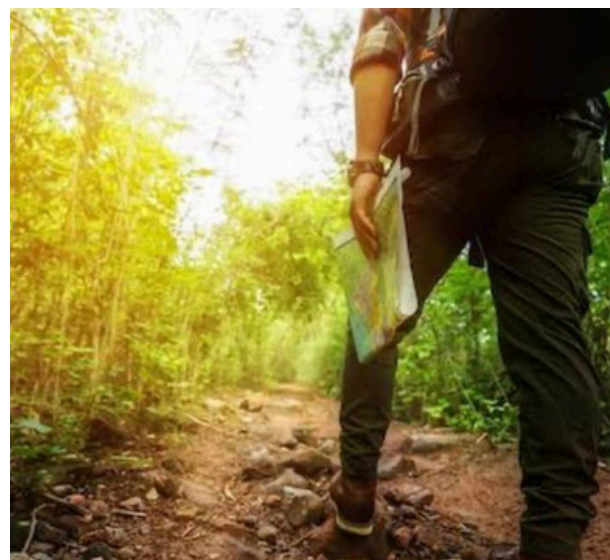
Os profissionais da educação devem ocupar uma posição importante no enfrentamento ao sistema que vivenciamos. Já foi discutido que, por vezes, professores em sua prática pedagógica, mesmo que de forma inconsciente, são responsáveis por disseminar os ideais da cultura dominante, uma vez que valorizam um tipo de saber em detrimento de tantos outros.

Portanto, é importante, neste contexto, que educadores tomem consciência de sua força e de sua responsabilidade frente a necessidade de mudança com o objetivo de que a educação seja emancipatória e libertadora.

Para Freire (1996) a modificação dessa estrutura segregatória e excludente inicia com a postura ética dos professores e professoras, em que, para o autor, a ética, tão necessária na prática educativa, é a ação que luta contra a ideologia dominante.



A ética de que falo é a que se sabe traída e negada nos comportamentos grosseiramente imorais como na perversão hipócrita da pureza em puritanismo. A ética de que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. É por esta ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos, que devemos lutar. E a melhor maneira de por ela lutar é vivê-la em nossa prática, é testemunhá-la, vivaz, aos educandos em nossas relações com eles. Na maneira como lidamos com os conteúdos que ensinamos, no modo como citamos autores de cuja obra discordamos ou com cuja obra concordamos.
(FREIRE, 2006, p.16).



A essa mudança postural podemos conceber o início de uma luta que vai muito além dos muros da escola, uma luta imensa contra um sistema opressor que, embora seja complexa, é urgente e necessária.

Compreender o educando como agente ativo de seu processo de formação e transformação pode ser a chave que liberta, uma vez que ao oferecer autonomia a um ser, valorizando os seus saberes contextuais, conseqüentemente o coloca em um lugar onde o torna apto a crescer. Desta forma, “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros.” (FREIRE, 2006, p.59). Valorizar a diversidade de saberes e a pluralidade cultural são atos de resistência frente a legitimação de um saber único imposto pela ideologia de dominação que persiste dentro das escolas. Quando um professor recebe um estudante com dificuldades de aprendizagem, logo atribui os problemas enfrentados a relações contextuais e se exime da culpa do conseqüente fracasso pelo fato do não aprender. Ser resistência é compreender que há diversidade de saberes e que todos são capazes de crescer quando lhes é dado os subsídios para tal.

Crer no ser humano, acreditar no potencial de cada estudante é o início de um processo complexo de rompimento com um sistema que perpetua por gerações. É lutar contra a opressão em favor da liberdade de cada ser.

De certo, resistir a um sistema fortemente estruturado é uma incumbência exigente, uma vez que o que é vivenciado pela classe popular é uma opressão que conforma e, por vezes, transforma os oprimidos em opressores, como foi aferido através da análise documental e pesquisa de campo deste estudo. Essa transformação acontece de forma natural e quase imperceptível sendo consequência dessa estrutura fortemente enraizada que vem sendo construída e perpassada, rotulada como organização social.



Aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos, libertar-se a si e a seus opressores. Estes que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação de seus oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar ambos.” (FREIRE, 2005, p. 41).

A busca pela educação libertadora e emancipadora, na perspectiva da transformação do “ser menos” ao “ser mais” é um movimento árduo e que exige transformação. É um desafio que amedronta, mas ao mesmo tempo o “processo de libertação não pode ficar passivo diante da violência do dominador” (FREIRE, 2005, p. 34)



Esse tipo de resistência instiga a produção coletiva de respostas para questões complexas, estimula o fim de discursos exclusivistas e legitima outras histórias elaboradas ou em construção por determinados grupos sociais compromissados com a superação das “situações-limites” e a escuta de “Marias, Mahins, Marielles e malês”. (NOVAIS e SOUZA, 2022, p.52).

A perspectiva do ser mais de Freire (2005) deve suscitar, no contexto desta pesquisa, uma aspiração à luta diante do abismo existente entre os saberes advindos da pluralidade cultural e os saberes priorizados pelo currículo. Na busca por uma educação humanizadora, deve-se compreender a diversidade como um instrumento positivo de emancipação. É pela consciência das situações limite, que a necessidade de resistência tem se tornado cada vez mais urgente. A violência que ocorre dentro das salas de aula, mascarada por falsos ideais de equidade educacional, deve ser combatida através da consciência de que pequenos atos podem se tornar gigantes na perspectiva de uma educação realmente transformadora de sujeitos, que fortalecidos por seus saberes, se tornem também resistência contra toda forma de opressão.

Parada obrigatória



Resistência propositiva popular: em tempos de marco de referência e disputas por outra educação. - Gercina Novais e Tiago Zanqueta



Para refletir



Entendendo a resistência como forma de combate ao sistema opressor e consequentemente, com forma de amenizar as dificuldades de aprendizagem enfrentadas pelos estudantes, que atos de resistência você pode realizar a fim de auxiliar os estudantes em seu processo de formação, transformação e emancipação social?

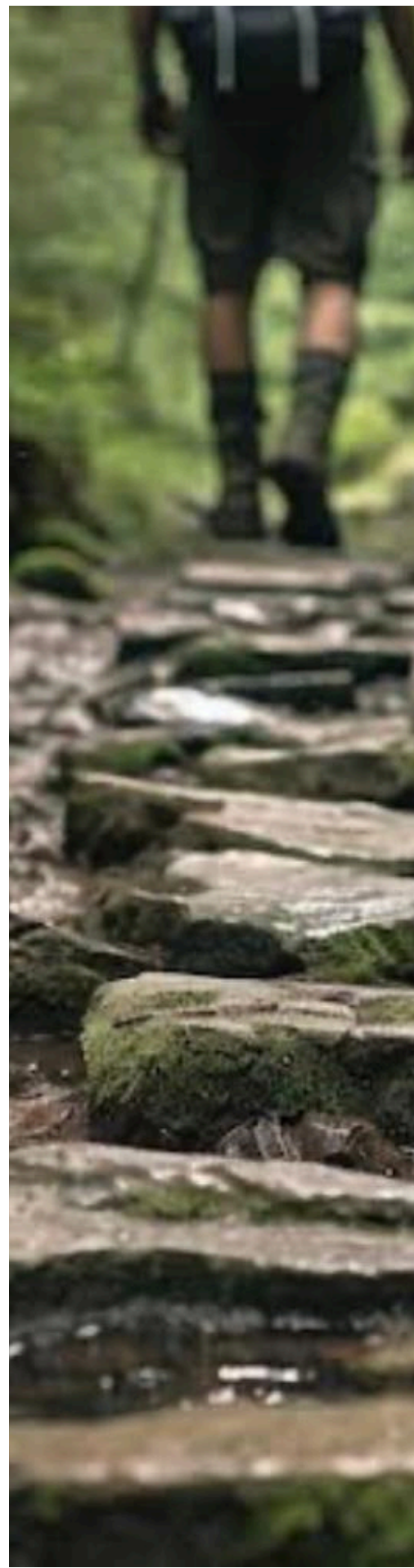
Venha trilhar também

Registre aqui suas reflexões!



Chegamos ao final da trilha a que nos propomos ao pesquisar sobre dificuldades de aprendizagem. Compreender que as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos estudantes são, na verdade, a concretização da cultura hegemônica dentro das salas de aula foi uma compreensão árdua, resultado de análises e reflexões de todos os instrumentos utilizados e das vivências que possibilitaram a materialização deste estudo. Embora tenha sido árduo, a característica que mais sobressai neste processo é a característica de libertação. Compreender que os sujeitos agem, na maioria das vezes, por estarem envolvidos em uma teia dominadora, é emancipador no sentido da consciência que é necessário encontrar formas de resistir. É na/pela libertação e emancipação humana que a resistência propositiva popular surge. Entendendo que as dificuldades são fruto de uma relação secular de poder, foi possível inferir que para minimizar tais efeitos é preciso que haja a resistência frente ao sistema.

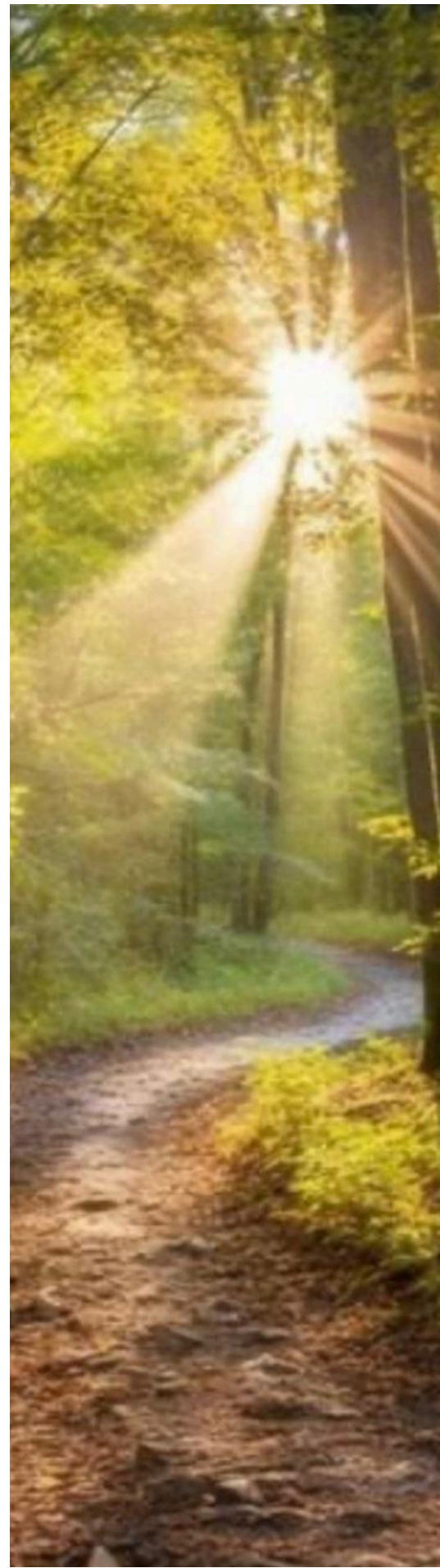
A finalização desta pesquisa é só o início de um caminho necessário. Já trilhado por muitos, que também enxergaram a importância da educação na vida dos sujeitos, e deixaram seus vestígios de resistência para que, os próximos possam chegar a um lugar que eleve o ser humano a sua própria prática libertadora, sempre na perspectiva do “ser mais”



Ao final deste intenso e reflexivo caminho, convidamos você, professora e professor, a continuar essa trilha junto conosco. Após compreender a necessidade de enfrentamento a um sistema que nos enlaça, a urgência da ação se concretiza no chão das salas de aula em que a diversidade, elemento rico de nossa sociedade, é segregado se configurando em injustiças para com o público não legitimado pelo interesse da manutenção do status elitista.

Você é peça importante e fundamental, portanto, junte-se a nós na luta por uma educação que tenha como objetivo a emancipação e libertação humana.

Avante!



Há 17 anos comecei a trilhar os caminhos da educação. Durante este tempo tive a oportunidade de conhecer as diferentes facetas que ilustram a educação pública e junto com essa diversidade percebi o quanto o exercício da docência é decisivo para o processo de transformação de nosso público-alvo. A experiência de cursar a pós-graduação afirmou e potencializou essa percepção que já obtinha no decorrer de minha carreira. Desta forma, ao finalizar o mestrado, enfatizo que, além de confirmar minhas percepções sobre a importância do trabalho docente na vida dos educandos, ressalto que, para que um educador exerça seu papel efetivamente, é crucial que o mesmo escolha um dos lados da história.



Sim, compreendi que na educação há dois lados, porque a sociedade é assim, duramente dividida, mesmo que de forma implícita. E, só consegui ter esta percepção porque meu orientador, Prof. Dr. Tiago Zanqueta de Souza, “me ensinou a olhar” e me fez compreender que ocupar o lado certo, que busca uma educação de qualidade, com fins de liberdade e emancipação social, é uma escolha que devemos fazer todos os dias em nosso cotidiano escolar. E é essa escolha que nós convidamos você a fazer também. Afinal, resistir a um sistema que nos oprime é uma tarefa árdua, mas, assim como nos contos, é preciso acreditar que o bem sempre vence, e que neste contexto, ser do bem é ser resistência. Seja “mais”, Seja “mais um”!



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, M. Dificuldades de aprendizagem: Implicações da família e da escola. 2010. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010. 91 p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; ASSUMPÇÃO, Raiane. Cultura Rebelde: escritos sobre a educação popular ontem e agora. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.

ESTEBAN, Maria Teresa. O que sabe quem erra? Reflexões sobre avaliação e fracasso escolar. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo . Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GADOTTI, Moacir. Concepção dialética da educação: um estudo introdutório. 10. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

GALLO, Silvio. Salto para o Futuro. Currículo Conhecimento e Cultura. Secretaria de Educação a Distância, Ministério da Educação, 2009. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012193.pdf>. Acesso em: 25 de setembro.2023

GATTI, Bernadete. Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 37, n. 109, p. 29-41, set./dez. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.34100.003>. Acesso em: 30 de outubro.2023

GONSALVES, Elisa Pereira. *Educação e Emoções*. Campinas: Alínea, 2015.

GONSALVES, Elisa Pereira (Org.). *Educação e Grupos Populares: temas (re)correntes*. Campinas: Alínea, 2002.

NOVAIS, Gercina Santana; SOUZA, Tiago Zanquêta de. Resistência propositiva popular: em tempos de marco de referência e disputas por outra educação. *Reflexão e Ação*, v. 30, n. 1, p. 38-56, 2022.

OSTI, A. *As dificuldades de aprendizagem na concepção do professor*. 2004. 157 p. Dissertação (Mestrado - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2004.

SACRISTÁN, José Gimeno. *Saberes e Incertezas do Currículo*. Porto Alegre: Penso, 2013

SANTOMÉ, Jurjo Torres. *Currículo Escolar e Justiça Social: O cavalo de Tróia da Educação*. Porto Alegre: Penso, 2013.

SILVA, K. O aprender na perspectiva de crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem. 2009. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Ciências Humanas e Naturais. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009. 118 p.

SOUZA, Tiago Zanquêta de; NOVAIS, Gercina Santana. Colonialismo e colonialidade na educação: da denúncia ao anúncio da resistência propositiva popular. Debates em Educação, [S. l.], v. 13, n. 31, p. 527–550, 2021. DOI: 10.28998/2175-6600.2021v13n31p527-550. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/10544>. Acesso em: 02 de fevereiro.2023